

# ASPECTOS DA VIDA LITERÁRIA BAIANA A PARTIR DE UMA LEITURA FILOLÓGICA DE *O IMPARCIAL* E *O CONSERVADOR*

Maria da Conceição Reis Teixeira (UNEB/SALT)  
[conceicaoreis@terra.com.br](mailto:conceicaoreis@terra.com.br)

## 1. *Introdução*

No Brasil, nos últimos decênios do século XV, enquanto na Europa a difusão do saber ganhava grande impulso com o advento do texto impresso utilizando-se os tipos móveis de chumbo fundido, em nosso país, as pessoas precisavam importar o texto impresso de Portugal, enfrentando, uma série de trâmites burocráticos, os custos do transporte e a censura da metrópole. O livro era artigo de luxo e, por conseguinte, o acesso ao texto escrito era privilégio de poucos.

A transferência da Família Real portuguesa para o Brasil e a implantação da Imprensa Régia foram decisivas para desencadear um processo de mudança social e cultural, contribuindo, dentre outras coisas, para o desenvolvimento de hábitos citadinos e ebulição da vida intelectual. Os jornais passam a fazer parte da vida privada da sociedade, permitindo à parcela alfabetizada da população o acesso não só aos fatos sociais, políticos e culturais, mas, sobretudo, à vida literária que começava a entrar em efervescência.

Natural que, naquele período, as gazetas desempenhassem um papel muito importante na difusão do conhecimento. Muitas vezes, elas foram o único meio de veiculação de informações, de atualização e incorporação de conceitos e de instrução, e de se obter entretenimento, contribuindo para a formação de um público leitor.

No presente texto, objetivamos destacar alguns aspectos da vida literária baiana a partir de uma leitura filológica de *O Imparcial* e *O Conservador*, periódicos engajados na veiculação de textos literários, quer sejam em prosa, quer sejam em versos.

## 2. *Breve panorama da literatura baiana entre fins do século XIX e início do século XX*

É sabido que quase todos os grandes romancistas da literatura brasileira divulgaram as suas primeiras obras em capítulos publicados semanalmente em folhetim, que alguns jornais faziam circular, inicialmente, nas grandes cidades e, depois, nas pequenas e longínquas províncias. Isso se dava porque, naquele período da nossa história literária, praticamente inexistiam editoras interessadas em publicar livros e o índice de analfabetismo era desanimador. Somando-se a isso, as próprias limitações da tecnologia e a falta de público leitor contribuíram para que isso acontecesse.

Esse estado de coisas não se restringia apenas aos limites das fronteiras brasileiras. Ocorreu também na França no último quartel do século XVIII. Hohlfeldt (2003.), ao tratar da evolução do gênero, diz que, naquele país, toda a ficção da segunda metade do século XIX foi essencialmente difundida através do romance-folhetim. E diz ainda que a democratização educacional, mediante o acesso à leitura, e o significativo desenvolvimento tecnológico e o conseqüente barateamento dos produtos advindos das tipografias, refletiam sobre a produção jornalística e livresca.

Ele aponta o nome de Émile de Girardin como iniciador desse tipo de expediente, quando, em 1836, idealizou *La Presse*, publicação que revolucionou o jornalismo, mediante a ampliação da publicidade e o aumento significativo da tiragem, o que levou ao barateamento dos custos. Essa nova tendência de publicar os romances em folhetim ultrapassa as fronteiras francesas e, com o passar dos anos, se generaliza por vários países da Europa e, felizmente, chega ao Brasil, em 1838, quando o *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, acompanhando as novidades literárias da época, divulga o romance-folhetim de Alexandre Dumas, *Capitão Paulo*.

Hohlfeldt (2003) afirma que, no Brasil, a divulgação de romances em folhetim inicia-se com o Romantismo e se estende até o Naturalismo. Vejamos o que diz:

[...] os escritores surgidos na maré do Romantismo brasileiro utilizariam o mesmo princípio para a divulgação de suas obras, e a circulação dos romances, no Brasil, através dos jornais, permaneceria até meados do século XIX, fazendo com que não apenas os textos românticos quanto os autores das tendências que se seguiriam, especialmente o Realismo e o Naturalismo, adotassem o mesmo tipo de veiculação. Também os textos de peças teatrais consa-

gradas chegaram a ser veiculados no espaço do *folhetim*. (HOHLFELDT, 2003, p. 20)

Serra (1997) aponta 1839 como o ano em que chegaram aos jornais brasileiros o romance-folhetim e o romance em folhetim. Sua pesquisa sobre o tema, resultando na *Antologia do romance-folhetim*, tem esse ano como ponto de partida e 1870 como ano em que os folhetins deixaram de figurar nos rodapés dos jornais brasileiros.

Cumpre-nos destacar que a referida autora estabelece diferenças entre o romance-folhetim e romance em folhetim. O primeiro é voltado para o grande público, que recorre ao romance em busca de diversão, e como, muitas vezes, era construído dia a dia até o total esgotamento da curiosidade do público, apresentava freqüentemente falhas na unidade. O segundo, como existe uma preocupação com a organização interna em busca de uma unidade de estrutura para alcançar o valor estético, tem preocupações estruturais e temáticas que diferem das do romance-folhetim. Os intelectuais baianos se engajaram tanto na produção de romance-folhetim como o romance em folhetim.

Voltando a trajetória do romance folhetim em solo brasileiro, José Ramos Tinhorão afirma que

O *romance-folhetim* antecedeu *O Filho do Pescador*, o primeiro romance brasileiro, de Teixeira e Souza, de 1843. Desde os inícios da década de 30 do século XIX publicavam-se novelas e romances em capítulos nos jornais brasileiros. (TINHORÃO, 1994, p. 9.)

Hohlfeldt é categórico ao afirmar que o primeiro romance-folhetim de autor nacional, divulgado nas páginas do *Jornal do Comércio*, foi um texto anônimo, denominado *A Ressurreição de Amor*, subtítulo Crônica Rio-grandense, editado nos dias 23, 24 e 25 de fevereiro de 1839.

Como acontecera além-mar, entre nós essa prática gradativamente foi generalizando-se em diversos jornais que circulavam em várias cidades, principalmente nos grandes centros. Os nossos periódicos se encarregavam tanto de publicar traduções de romances estrangeiros como de divulgar textos nacionais.

Conforme afirmamos anteriormente, o livro era artigo de luxo e privilégio de poucos. A solução encontrada pelos intelectuais para resolver essa questão foi uma espécie de aliança sob a égide de um jornal literário. Fundaram-se vários periódicos, com a finalidade de abrigar os escritores. Esses periódicos representaram, para os intelectuais brasileiros, especialmente os baianos, como único meio de difundir seus romances,

contos e novelas, ou seja, de ter alguma visibilidade no seio da sociedade, de ter um público leitor e de ser reconhecido pela crítica. Fato é que, apesar de o país ainda ser analfabeto, foi através do jornalismo que a literatura popularizou-se, multiplicando os leitores.

Talvez seja em função da falta de uma política editorial no Brasil e de editoras interessadas em publicar a produção local que tenha levado muitos críticos a firmarem que a Bahia era a terra dos poetas. Não se pode negar que as primeiras manifestações literárias no Brasil foram em verso. Até o início do século XX o verso, em relação à prosa, gozou de mais prestígio entre os nossos escritores. As razões desta preferência devem-se à maior facilidade de sua divulgação. Um poema poderia se tornar público por meio da declamação ou aparecer num rodapé de jornal: os escritores privilegiavam o gênero, adaptando-o às modalidades disponíveis de comunicação. Além disso, a poesia se alimentou da contribuição oral, pela familiaridade com o cancionero popular, que estaria muito mais próximo do gosto cultivado da época.

Quanto à publicação de romances em folhetim, em solo baiano, Alves (1996) afirma que desde os primeiros decênios do século XIX novelas e romances na Bahia não têm a mesma relevância encontrada nas demais regiões do país.

Esta falta de prestígio do texto em prosa na Bahia levou Carvalho Filho (1923) a se perguntar se os baianos teriam fracassado no romance. David Salles, ao tratar das primeiras manifestações da ficção na Bahia, diz que:

*[...] existiram causas influentes conduzindo a argumentos de natureza sociológico-literária para explicar a conseqüência, ou seja, a quase ausência ou pobreza indigente da manifestação ficcional na Bahia do século passado. E arrumadas a modo de esquema, seriam: a) neoclassicismo baiano retardatário; b) prestígio literário e popular da retórica oratória, na tribuna e no púlpito; c) preferência e predomínio da manifestação poética, favorável à conquista rápida de notoriedade social no meio provinciano; d) culto da erudição em decorência da projeção da Faculdade de Medicina como núcleo da vida cultural baiana; e) ausência de autores. (SALLES, 1973, p.12. Grifos nossos)*

Pedro Calmon (1949) afirma que a Bahia teve um número expressivo de romancistas:

*Romancistas, é preciso dizer, os teve em bom número a província, alguns com desenganada vocação para o gênero, porém todos – antes de Xavier Marques e Afrânio Peixoto - estranhamente limitados à sua área de produção, quer pela modéstia das tentativas, quer pelo desfavor ou incúria dos editores que as não encorajava. Numa relação de escritores de romances, contos e no-*

velas têm de figurar Manuel Carijé, Sérgio Cardoso, Cirilo Eloi, Ana Ribeiro de Góis Bittencourt, Amélia Rodrigues, o sertanejo João Gumes. (CALMON, 1949, p. 218. Grifos nossos)

No início do século XX, além das gazetas surgiram várias associações que fundaram revistas literárias objetivando viabilizar a difusão da produção intelectual local. Destacamos aqui *A Nova Cruzada Nova Revista*, *Arco & Flexa*, *Samba*, *Meridiano*, *O Momento*. Pertencem a esta geração de intelectuais baianos preocupados em produzir prosa e/ou verso e de difundir sua criação: Arthur de Salles, Pedro Kilkerry, Durval de Moraes, Roberto Correia, Álvaro Reis, J. da Silva Campos, Carlos Chiacchio, Xavier Marques, Afrânio Peixoto, Manuel Carigé, Sérgio Cardoso, Cirilo Elói, Ana Ribeiro de Góis Bittencourt, Amélia Rodrigues, João Gumes. Seguem-se a estes: Bráulio de Abreu, Alves Ribeiro, Pinheiro Viegas, Nonato Marques, Clodoaldo Milton, Costa Andrade, Elpídio Bastos, Otto Bittencourt Sobrinho.

### 3. *Os jornais, as gazetas e a produção literária baiana*

As pesquisas em periódicos deste período revelam que o estado da Bahia apresenta uma produção de narrativas ficcionais expressiva, mas o que lhe faltava eram as editoras que estivessem interessadas em publicar a produção local. Nos parágrafos que seguem, apresentaremos alguns exemplos que dão uma pequena amostra da produção literária em nosso estado. Trataremos aqui especialmente de dois periódicos, *O Conservador* e *O Imparcial*.

*O Conservador*, periódico semanal que circulou em Nazaré – Bahia entre 1912 e 1942, apresentava, inicialmente, cinco colunas, e depois, seis colunas distribuídas nas suas quatro páginas. Nasce para atender aos interesses do partido Republicano Conservador, mas, em 1917, muda seu subtítulo para “semanário, noticioso, literário e popular” e, conseqüentemente, seus objetivos, reservando a segunda e/ou terceira página para veiculação de textos literários.

Vários foram os intelectuais baianos que encontraram no *Conservador* o seu único meio de ver sua produção circular e, por conseguinte, ser lido e reconhecido pela crítica. Dentre estes intelectuais, destaca-se Anísio Melhor, Antônio Ferreira dos Santos, Flávio Andrade, Antônio Dantas Trindade e Euricles de Matos.

Muitos dos autores que produziram neste período da história literária baiana, do ponto de vista da veiculação de sua produção intelectual, ficaram circunscritos aos periódicos. Outros, graças a recursos próprios ou ao apóio de amigos, conseguiram concretizar o sonho de publicar sua produção em livro. Dentre os localizados no referido periódico e citado no parágrafo anterior, Anísio Melhor, considerado por Carlos Chiacchio como mentor do modernismo na Bahia, figura no rol daqueles que também enveredou pela prosa e conseguiu publicar em vida dois livros: *Violas* e *Maria Cabocla*. Os demais textos vazados em gêneros diferentes (novela, conto, crônica, poesia) encontram-se dispersos nos periódicos que colaborou. Dentre eles, destacam-se *O Regenerador* (1801-1929), *A semana*, *O Olhar da rua* (1923) e a revista *A Cigarra* (1914).

Antônio Ferreira Santos é outro intelectual baiano que enveredou tanto pela prosa como pelo verso, cuja obra encontra-se dispersa nos periódicos baianos, especialmente no *Conservador*, que foi o principal espaço de veiculação para a sua produção. *Os Namorados*, *Da vida* são textos em prosa que foram resgatados e editados por Ediane Brito Andrade, bolsista de iniciação científica. Ainda foram localizados no referido periódico os seguintes textos:

CRÔNICA	VERSO	CRÍTICA LITERÁRIA
Os improvisos	Quadros	À margem da filosofia
Faúlhas	Trovas	
Recordações	No calvário	
Isabel Rivera	Villancetes	
Polícia literária	De Antanho	
Ideia e força	O canto da cigarra	
	Procissão das dores	
	Letras	

**Quadro 1: Textos de Antônio Ferreira Santos resgatados de *O Conservador*.**

Flávio Andrade e Euricles de Matos são alguns daqueles que optaram pelos versos e que também tiveram como locos para divulgação de sua produção o periódico *O Conservador*. Este último recebeu de Mas-saud Moisés (*apud* BRASIL, 1999) o seguinte comentário: “a poesia de Euricles de Matos [...] tem ‘dicção própria’ e, tal influência dos mestres simbolistas, como a de Cruz e Souza, [...] nunca tirou sua personalidade criadora”.

*O Imparcial*, periódico fundado em 1918, circulou diariamente em Salvador de maio de 1918 até 1947. Inicialmente apresentava sete colunas distribuídas nas suas três folhas. Abordava assuntos variados, com

algumas seções fixas e outras flutuantes. Dentre as primeiras destacam-se a coluna informações rápidas e reportagens municipais.

Nas primeiras décadas do século XX, acompanhando o desenvolvimento econômico do país, a imprensa na Bahia se inseriu na fase industrial, por conseguinte, os jornais passaram ampliar seu leque de atuação realizando cobertura de fatos do cotidiano da cidade e fazendo circular um volume significativo de informações divulgadas pelas agências de notícias internacionais. Era necessário adequar-se à nova conjuntura e ser autossustentável e versátil. Faziam parte da grande imprensa baiana deste período o *Diário da Bahia*, *Diário de Notícias*, *A Tarde* e *O Imparcial*. Dentre os jornais baianos apenas *A Tarde* e *O Imparcial* surgiram na condição de modernas empresas jornalísticas, adequando-se aos novos reclamos da imprensa jornalística. Este último fundado por Lemos Brito, durante os anos 20, passou por grave crise financeira chegando a deixar de circular em 1928, ressurgindo em 1929, sob a direção de Mário Monteiro e Mário Simões. Apesar dessa situação, não deixou de reservar um espaço para a publicação de textos literários ou sobre a literatura baiana.

Utilizaram de *O Imparcial* para veicular sua produção intelectual literária ou crítica literária escritores lendários, como Castro Alves, Rui Barbosa, Carlos Chiacchio, Lemos Brito e outros desconhecidos, como Arthur de Salles, Xavier Marques, Eugênio Gomes, Maria Dolores, João Paraguaçu, Wilson Lins.

Destes escritores e críticos literários destacamos aqui Lemos Brito, que publicou dentre outras os seguintes livros: *O Crime e os Criminosos na Literatura Brasileira*, *Pontos de Partida para a Historia Econômica do Brasil*, *A Questão Sexual nas Prisões*, *A Gloriosa Sotaina do Primeiro Império*, *Rui Barbosa e a Igualdade das Soberanias*. Em *O Imparcial*, além de ser o gerente-redator, usou do espaço para veicular sua prosa literária na seção intitulada Folhetim d'O *Imparcial*.

Objetivando demonstrar que os periódicos baianos do século XIX e início do século XX estavam engajados na veiculação de textos literários e de que os baianos também enveredaram pela prosa, transcrevemos o primeiro folhetim do romance *A Torrente*, de Lemos Brito, publicado em *O Imparcial* em 1915.

Na leitura interpretativa que está sendo preparada, adotamos uma postura conservadora, mas, no trecho aqui, procedemos à atualização ortografia em conformidade às normas vigentes. Emendamos as partes que apresentavam problema de leitura, em função das condições de conser-

vação do suporte, com o auxílio de colchetes [ ]. Usamos colchetes com reticências [...] para indicar as lacunas e/ou leituras duvidosas.



Fig. 1. Fotografia de *O Imparcial* de 1915.

**A TORRENTE**  
— “Um aspecto sertanejo” —

A cidadezinha serrana, estirada sobre abrupta barranca do Rio de Contas, revolteava à notícia da tragédia que havia abalado aquela simpleirona gente do sertão; e ao coronel José Felismino, um dos pr[o]ceres situacionistas do município, endinhier[a]do, comprador de gado mineiro, o escrivão do grande júri, afobado o suarento, narrava, de primeira mão, o ocorrido.

Na curva grande do rio, ali por duas léguas da cidade, descobria o viajor, plantada à orla do capão do mato virgem, uma cabana colmada de palmas catolés. Ao todo, a sala acanhadíssima, um tug[u]rio, cha[biado] o quarto das meninas, e a cozinha, em que o fogo estalejava, chiando, sob [a]s três pernas recurvas de uma trempe de ferro.

Aproximava-se o São João. Já as grandes chuvas de Maio haviam feito subir as hastes [d]o[s] milharais, cujas espigas madurecia[m], algumas entreatrindo a coifa [l]oirada para [s]e mostrarem apetecentes, a[o] seu colorid[o] de jalde. Revoadas de jandaias pa[ss]a[v]am, granando, p[o]r sobre a copa lilás das sicupiras.

Miguel Arch[n]jo, o morador da choça, atarracado e rolho, reuniu a es[p]osa, as filhas casadoiras e o primogenit[o], pra o bater da “pólvora da ter[ç]as, feita de salitre e carvão com que socava [a]s buge-pés, de toda redon-

deza procurados pelo rabelo violento, pelo arrojo e pureza das limalhas cujos leques e [...ru[...].can [...].es se abriam nas alturas, ao cl[a]rão das fogueir[a]s.

La alegre o trabalho. O cheiro [a]cre do salitre e do sulfúre enchia o ambi-e[n]te. A Joanna, velha c[a]bocla do [M]iguel Archanjo, espirrava de momento a momento, à medida que agitava o braseiro com a desconjuntada f[o]galéira. [D]e vez em qua[n]do o chefe saia [d]o terreiro, punha na gro[s]s[a] mão espalmada um punhado de pólvora, toc[a]va-lhe a brasa de um tição... e a explosão era instantânea, ra[z]ido o f[o]gacho, a pólvora estava “n[o] ponto”; se quem[a]v[a] lenta, tostando-lhe a mão, preciso se fazia b[a]ter mais. E o pilão continuava no seu *pu, pu, pô* singular, rítmico, espécie de atabaque africano, melancólico e [t]ristonh[o] como as loas do sertão.

#### 4. Considerações finais

Como vimos anteriormente, vários foram os jornais baianos que também estiveram interessados em fomentar a publicação da produção literária local, bem como a tradução de textos de autores estrangeiros ou a reprodução de textos veiculados em periódicos que circulavam nos grandes centros urbanos situados na região sudeste do país, reservando um espaço especial em suas páginas para a divulgação de romances, poemas, contos, crônicas, trovas, novelas.

Independente do ciclo de vida longo ou curto dos nossos periódicos, a imprensa desempenhou papel relevante no desenvolvimento da literatura, popularizando-a e multiplicando os leitores. E se quisermos traçar a história da literatura na Bahia é necessário adentrarmos nos acervos documentais e lermos os periódicos que circularam para mapearmos a produção literária propriamente dita e a produção sobre a literatura.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Lizir Archanjo. *Poesia e vida literária na Bahia de 1890 a 1915*. São Paulo, 1986. Dissertação de Mestrado, USP, 1986, p.199.

BRASIL, Assis. *A poesia baiana no século XX: antologia*. Rio de Janeiro: Imago. Salvador, BA: Fundação do Estado da Bahia, 1999.

BRITTO, L. *O crime e os criminosos na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1946.

CALMON, Pedro. *História da literatura bahiana*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949.

CARVALHO FILHO, Aloysio de. A Bahia no romance brasileiro. *Diário Oficial do Estado da Bahia*. Salvador, jul. 1923, p. 99-101. Edição especial do centenário da Independência.

HOHLFELDT, Antonio. *Deus escreve direito por linhas tortas: o romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 a 1900*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

SALLES, David. *Primeiras manifestações da ficção na Bahia*. Salvador: UFBA, 1973.

SERRA, Tânia Rebelo Costa. *Antologia do romance-folhetim: (1839 a 1870)*. Brasília: Universidade de Brasília, 1997.

TINHORÃO, José Ramos. *Os romances em folhetins no Brasil*. São Paulo: Duas Cidades, 1994.